



EDITORIAL

Editorial – Sobre o “Lugar” de Aron Gurwitsch

Aron Gurwitsch (1901-1974) foi um proeminente filósofo e fenomenólogo, de origem lituana, fundamental para o desenvolvimento e ampliação dos limites da fenomenologia de Husserl. Sua obra destaca-se pela maestria com que passeia pela seara fenomenológica, apresentando-nos em cada texto, repetida e incansavelmente, definições diretas e esclarecedoras dos conceitos basilares sob os quais se erige o edifício da fenomenologia constitutiva. Além disso, suas contribuições tocam o plano da abertura do pensamento fenomenológico a uma nova atitude, certamente herdada por Merleau-Ponty, caracterizada pelos esforços em avançar os limites da fenomenologia a partir de interlocuções inovadoras, que, em seu caso, situam-se principalmente junto à Psicologia da Gestalt e à obra de Kurt Goldstein.

O nome de Aron Gurwitsch é, decerto, relativamente desconhecido do público brasileiro. Não menos do que a própria história do pensamento fenomenológico – que entra no espectro da reflexão filosófica e científica brasileira de forma tardia, e associada a autores específicos, e de maneira desordenada, o que provoca uma captação igualmente diferenciada deste importante movimento¹ – o que justifica este momento, de trazer à tona, um dos mais importantes pensadores do nosso tempo. O desconhecimento das contribuições de Gurwitsch se expressa em diferentes razões: ora reduz-se seu pensamento a um tipo obscuro ou idealista de fenomenologia, uma escultura ortodoxa de Husserl, ora as imprecisões historiográficas atribuem a outros autores contribuições que, de fato, são suas, ou ainda, suas realizações não alçam nem o patamar da “consciência acadêmica”, isto é, não são notadas, o que contribui na manutenção de leituras historiográficas equivocadas.

Certamente, não se pode ignorar que o percurso filosófico de Gurwitsch é marcado pela tarefa vital de levar adiante o projeto transcendental da fenomenologia, de modo que o próprio autor se situa na posição de um “discípulo eterno, fiel ao espírito e à orientação geral de Husserl”². Contudo, eis o outro lado da moeda, a fidelidade de Gurwitsch ao programa husserliano não deve ser confundida com uma inabalável ortodoxia. Pois, desde sua tese doutoral, publicada em 1929 e intitulada *Fenomenologia da Temática e do Eu puro*³, a discussão da filosofia husserliana é sempre aliada à uma atitude crítica, explicitamente dialógica, pela qual trata-se de expandir os limites do arcabouço fenomenológico por intermédio de articulações com diversas áreas do conhecimento. Assim, encontra-se na obra de Gurwitsch um espectro magistral de referências e comentários que abrangem desde autores da Psicanálise (Freud), da Psicologia do desenvolvimento (Jean Piaget), da filosofia moderna (Descartes, Hume e Kant) e contemporânea (Merleau-Ponty, Sartre), da Psicologia da Gestalt (Koffka, Köhler, Wertheimer), da Psicologia científica (James, Wundt, Helmholtz), da Psiquiatria (Gelb e Goldstein), da sociologia (Weber, Schütz) e da antropologia (Lévy-Bruhl).

Originalmente um matemático, Gurwitsch tem um destacado papel associado à Psicologia e, em particular, à *Gestalt-Psychologie* – e mostra as relações entre estas disciplinas e a Fenomenologia, atravessado por uma reflexão epistemológica, como veremos ao longo dos textos deste Dossier. Gurwitsch foi aluno de Moritz Geiger, e acompanhou os cursos de Husserl em Freiburg, entre 1921-22 (a partir de indicações de ninguém menos que Carl Stumpf, que havia sido orientador de Husserl), como indica Spiegelberg⁴. Entre 1933 e 1940, leciona na Sorbonne, em Paris, momento que certamente foi crucial para o desenvolvimento da fenomenologia em solo francês, impactando toda uma geração de pensadores, dentre eles, Merleau-Ponty. Posteriormente, migra para os Estados Unidos – tendo lecionado no Johns Hopkins University, em Baltimore; em Harvard, no Wheaton College, na Brandeis University, e na *New School of Social Research*, em New York – retornando à Europa em 1958, para lecionar em Colônia, na Alemanha. Amigo de Alfred Schütz, teve entre seus alunos, nomes como Harold Garfinkel (idealizador da Etnometodologia), Lester Embree (renomado fenomenólogo) e Henry Allison (Filósofo da Universidade da Califórnia).

Crítico de Husserl, notadamente de sua ideia de intencionalidade, era um grande defensor da *Gestalt-Psychologie*, que igualmente não ficou imune a seus questionamentos. Antes de tudo preocupado com os fundamentos da ciência, torna-se um nome de extrema relevância para pensarmos o estatuto de cientificidade das Psicologia – e das ciências ditas “humanas” em geral – ao questionar, em direção similar à crítica husserliana, o esquecimento do subjetivo no contexto da matematização das ciências físicas e seu impacto nas ciências do espírito.

A relevância do autor se faz notar pelo eco que conceitos e ideias suas tiveram, posteriormente, nos discurs-

1 Holanda, 2016a, 2016b, 2022; Mendonça & Holanda, 2021.

2 Gurwitsch, 2009a.

3 Gurwitsch, 2009b.

4 Spiegelberg, 1972.



dos da filosofia e das ciências humanas. Ao revisar a teoria da intencionalidade de Husserl, por exemplo, teceu importantes interpretações através das lentes críticas que lhe foram fornecidas por seu percurso de aprendizado com representantes da Escola de Berlim, como Koffka, Köhler e Wertheimer, para desprender de seu tema de estudo uma reconfiguração importante no que versa sobre a teoria da percepção. Em vez de empreender um debate como um simples representante de alguma escola, fez o exercício de uma confrontação filosófica genuína a partir da qual pôde surgir a sua própria concepção segundo a qual a percepção deve deixar de ser considerada, tal como o foi por Husserl, a partir de dois estratos diferentes, um sensível e outro intelectual, e ser vista e descrita, mais precisamente, como uma *Gestalt*, ou seja, como forma ou estrutura organizada internamente.

Desta perspectiva, e estendendo as conclusões que alcançou em sua tese de doutorado de 1929⁵, o autor defendeu que a sua concepção de intencionalidade implicaria conceber a consciência, então, como uma totalidade estruturada ou como um contexto de referências indicativas e que caberia à fenomenologia descrever esta estrutura e as suas relações. Em sua terminologia, o campo de consciência seria estruturado em três distintos, embora inseparáveis, componentes com diferentes níveis de participação na constituição do objeto perceptivo, a saber: o tema, ou o próprio núcleo temático da consciência; com relação a este, o contexto temático, que confere o sentido e a orientação do tema; e, por fim, a margem, que se recorta a partir da irrelevância para com o tema, mas que se constitui a partir de tudo aquilo que é dado simultâneo ao próprio fluxo de consciência. A sua constatação básica – e que, a partir de sua investigação particularmente rigorosa, ganha um estatuto fenomenológico próprio – é a de que a organização é “uma propriedade autóctone da experiência”, de que ela é “inerente e imanente à experiência imediata, e não provocada por algum princípio organizacional, agência ou atividade”⁶. Em parte, uma das principais heranças de seu pensamento e em cujo diálogo caminhou não somente Merleau-Ponty⁷, mas também Schütz⁸ e até mesmo Garfinkel⁹, encontra-se nesta formulação central. Estando ela, em certa medida, em contraponto a Husserl, cabe, talvez, aos atuais investigadores em fenomenologia confrontar-se com esta tese e dela retirar as suas consequências.

Deste princípio, arrolam-se outras considerações importantes do autor, tais como a sua teoria não-ego-lógica da consciência, a qual o autor desenvolve em diálogo com Sartre, por exemplo, e que deixa de pressupor qualquer participação de um agente (o ego transcendental) na estruturação da percepção e do fluxo de consciência¹⁰; a sua teoria da atitude categorial e que implica as transformações pelas quais são apreendidos os objetos em sua forma de organização à apreensão intuitiva, desde os objetos sensíveis até os objetos categoriais¹¹; a sua teoria sobre as ordens da existência, que consiste em uma aplicação mais geral e formal dos princípios da Teoria da *Gestalt* a âmbitos da relação entre objetos e do que Husserl chamou de “regiões de ser”¹², entre outras. Sistemático e metodologicamente preocupado com o desenvolvimento de uma “ciência rigorosa”, Gurwitsch avançou todos estes temas em profundo diálogo com autores e teorias de sua época e, talvez, tenha nos deixado um importante legado não apenas nas teses que formulou, mas, também, no que diz respeito à sua maneira de fazê-lo: as imbricações e injunções teóricas são produtivas e o exercício imaginativo e analítico do teórico ou filósofo deve abarcá-las, mesmo que mantendo-se fiel a uma tradição, justamente para fazê-la avançar e responder a seu tempo, sem, com isso, perder-se na ortodoxia.

Tendo isto em vista, o propósito deste Dossier não é apenas de resgatar um importante nome da história da Fenomenologia, nem apenas apresentá-lo, minimamente, ao público brasileiro, mas fundamentalmente trazer à tona temas que se tornam cada vez mais atuais, num tempo e numa sociedade intensamente marcadas pela tecnologia e pela velocidade das mudanças.

Este número da *Phenomenology, Humanities and Sciences* traz, assim, seis estudos sobre Gurwitsch, três traduções de temas correlatos – incluso um texto do próprio homenageado, inédito em língua portuguesa – e vem acompanhado de três manuscritos do fluxo da revista, com debates em torno de variados temas da Fenomenologia.

A seguir, listamos algumas das obras principais de Aron Gurwitsch, de modo a auxiliar o leitor em suas pesquisas, e instigar ao conhecimento desta importante personalidade. Esperamos que a espera por este Dossier seja satisfeita pela qualidade de suas produções.

Boa leitura a todos.

Adriano Furtado Holanda
(Editor)

Hernani Pereira dos Santos
Pedro Henrique Santos Decanini Marangoni
(Editores de Dossier)

5 Gurwitsch, 2009b.

6 Gurwitsch, 2010, p. 8.

7 Marangoni e Verissimo, 2022; e Lind, 2022, en este numero.

8 Santos, 2022.

9 Garfinkel, 2021.

10 Gurwitsch, 2009c.

11 Gurwitsch, 2009d; e 2009e.

12 Gurwitsch, 2010.



Obras Principais de Aron Gurwitsch

- “On the Intentionality of Consciousness”, In Marvin Farber (Ed.). *Philosophical Essays in Memory of Edmund Husserl* (1940), pp. 65-83. Cambridge: Harvard University Press.
- “A Non-Egological Conception of Consciousness”, in *Philosophy and Phenomenological Research*, Vol. 1 (1941), 325-338.
- “On the Object of Thought”, *Philosophy and Phenomenological Research*, Vol. 7 (1947), 347-356.
- “The Phenomenological and Psychological Approach to Consciousness”, *Philosophy and Phenomenological Research*, Vol. 15 (1955), 303-319.
- Théorie du champ de la conscience (1957), Bruges et Paris: Desclée de Brouwer (Original em alemão, *Das Bewußtseinsfeld*).
- “La Conception de la conscience chez Kant et chez Husserl”, *Bulletin de la Société Française de Philosophie*, Vol. 54 (1960), 65-96.
- “The Commonsense World as Social Reality - A Discourse on Alfred Schutz”, *Social Research*, Vol. 29 (1962), 50-72.
- Field of Consciousness* (1964), Pittsburgh, Pa., Dusquesne University Press (Original em alemão, *Das Bewußtseinsfeld*).
- “Der Begriff des Bewußtseins bei Kant und Husserl”, *Kant-Studien*, 55 (1964), 410-27.
- Studies in phenomenology and psychology* (1966). Evanston, Ill., Northwestern University Press.
- Leibniz* (1974), New York: de Gruyter.
- Phenomenology and the Theory of Science* (1974), Lester Embree (ed.), Evanston, Ill., Northwestern University Press.
- El campo de la conciencia: Un análisis fenomenológico* (1979). Trad. Jorge García-Gómez. Madrid: Alianza Editorial. (Original em alemão, *Das Bewußtseinsfeld*).
- Kants Theories des Verstandes* (1990), edited by Thomas Seebohm. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Esquisse de la phénoménologie constitutive* (2002). Édition par José Huerta-Jourda, J. Vrin.
- The Collected Works of Aron Gurwitsch (1901–1973)* (2010), Springer (Vol. I: *Constitutive Phenomenology in Historical Perspective*. Volume II: *Studies in Phenomenology and Psychology*. Volume III: *The Field of Consciousness: Theme, Thematic Field, and Margin*).

Referências

- Garfinkel, H. (2021). Ethnomethodological Misreading of Aron Gurwitsch on the Phenomenal Field. *Human Studies*, 1-24.
- Gurwitsch A (2009a). Author’s introduction. In: F. Kersten (Ed.). *The Collected Works of Aron Gurwitsch (1901-1973), II: Studies in Phenomenology and Psychology* (p. xvi-xxvi). Dordrecht: Springer.
- Gurwitsch, A. (2009b). Phenomenology of Thematics and of the Pure Ego: Studies of the Relation Between Gestalt Theory and Phenomenology. In: F. Kersten (Ed.). *The Collected Works of Aron Gurwitsch (1901-1973), II: Studies in Phenomenology and Psychology* (pp. 193-317). Dordrecht: Springer. Original publicado em 1929).
- Gurwitsch A (2009c). A Non-Egological Conception of Consciousness In: F. Kersten (Ed.). *The Collected Works of Aron Gurwitsch (1901-1973), II: Studies in Phenomenology and Psychology*. Dordrecht: Springer, 2009j, p. 319-334. (Original publicado em 1941).



- Gurwitsch, A. (2009d). Gelb-Goldstein's Concept of Concrete and Categorical Attitude and the Phenomenology of Ideation. In: F. Kersten (Ed.). *The Collected Works of Aron Gurwitsch (1901-1973), II: Studies in Phenomenology and Psychology* (pp. 403-431). Dordrecht: Springer.
- Gurwitsch, A. (2009e). Theme and attitude. In: J. García-Gómez (Ed.). *The Collected Works of Aron Gurwitsch (1901-1973), I: Constitutive Phenomenology in Historical Perspective* (pp. 331-349). Dordrecht: Springer.
- Gurwitsch, A. (2010). The Field of Consciousness. In: L. Embree, & R. M. Zaner (Eds.). *The Collected Works of Aron Gurwitsch (1901-1973), III: The Field of Consciousness: Theme, Thematic Field, and Margin*. Dordrecht; Heidelberg; London; New York: Springer, p. 1-409.
- Holanda, A. F. (2022). Psychology and philosophy in the early days of phenomenological thought in Brazil. In: Adriano Furtado Holanda (Org.), *Perspectives on Phenomenological Psychology: Brazilian Experiences* (pp. 48-76). Porto Alegre: Editora Fi (Acesso Aberto: <https://www.editorafi.org/402psy>).
- Holanda, A. F. (2016). Apuntes para una historia del pensamiento fenomenológico en Brasil: filosofía y psicología. *Anuario Colombiano de Fenomenologia*, 9, pp. 444-461. Disponível em: <https://1drv.ms/b/s!Am-JSTLFsy5th6ZxqNfmyzdPTqNdtg?e=jkUGgq>
- Holanda, A. F. (2016). Fenomenologia e Psicologia no Brasil: aspectos históricos. *Estudos de Psicologia* (Campinas) 33 (3), 383-394. <https://doi.org/10.1590/1982-02752016000300002>.
- Marangoni, P.H.S.D & Verissimo, D.S (2020). A Autoconsciência na Teoria de Aron Gurwitsch: Posição e Crítica. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 20 (spe), 1128-1148. Doi: <https://dx.doi.org/10.12957/epp.2020.56654>
- Mendonça, D. N. & Holanda, A. F. (2021). Nilton Campos e a Psicologia Brasileira: Um Resgate Biográfico e Bibliográfico. *Estudos e Pesquisas em Psicologia* (UERJ), 21 (2), 786-804. DOI: <https://doi.org/10.12957/epp.2021.61069>
- Santos, H. P. (2022). Relevância nas Fenomenologias de Gurwitsch e Schütz: Contornos de um Problema, *Revista da Abordagem Gestáltica – Phenomenological Studies*, 28(1), 115-127.
- Spiegelberg, H. (1972). *Phenomenology in Psychology and Psychiatry: A Historical Introduction*. Evanston: Northwestern University Press.